

## A EDUCAÇÃO ENTRE GUERRAS: A CONDIÇÃO HUMANA ENTRE A LUTA GLOBAL PELA SOBREVIVÊNCIA E CONFLITOS LOCAIS MOVIDOS PELA “EMBRIAGUEZ HEGEMÔNICA”

EDUCATION BETWEEN WARS: THE HUMAN CONDITION BETWEEN THE GLOBAL STRUGGLE FOR SURVIVAL AND LOCAL CONFLICTS DRIVEN BY “HEGEMONIC DRUNKENNESS”

EDUCACIÓN ENTRE GUERRAS: LA CONDICIÓN HUMANA ENTRE LA LUCHA GLOBAL POR LA SUPERVIVENCIA Y LOS CONFLICTOS LOCALES IMPULSADOS POR LA “EBRIDAD HEGEMÓNICA”

**Júlio Ricardo de Barros Rodrigues<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-5983-7946>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

e-mail: [jrbrodrigues\\_ef@hotmail.com](mailto:jrbrodrigues_ef@hotmail.com)

### Resumo

Com o surgimento da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), sobretudo em virtude de seu avanço em escala mundial iniciado em 2020 e que se tem perpetuado até os dias de hoje, muito se discutiu, discursou e foi defendido a respeito da constituição de uma identidade mundial dirigida à luta pela sobrevivência da vida/espécie humana diante do enfrentamento de um inimigo invisível e avassalador. O discurso/ argumento humanitário ressoou uníssono em todo o mundo, mas, não sem concorrer com determinados outros pensamentos, atitudes, decisões e ações que, no decorrer de nossa história, fomos nos acostumando a também reconhecer como resultantes dos seres humanos; seja por sua pretensa superioridade - radicada na noção de racionalidade - frente aos demais seres vivos que povoam o nosso planeta (dentre os quais os vírus, inclusive), seja em sua consequência materializada na emergência de nossa espécie como dominante no planeta. Ao que parece, não obstante todas as reflexões advindas da crise pandêmica em que todos ainda nos encontramos imersos, o discurso humanitário tem sido subsumido pela busca incessante por poder via sobrepujança que nos tem caracterizado historicamente desde as organizações sociais mais simples, como as tribos, até as mais complexas, como as grandes nações e superpotências econômicas e militares, como Elias já nos alertava, a propósito, em inúmeros de seus trabalhos. A busca incessante por poder dirigida ao domínio de outrem, essa "febre" ou "embriaguez hegemônica" por ele definida e caracterizada parece realmente não encontrar limites, mesmo diante de outras demandas prementes e, assim, também características a tudo aquilo que define/ deveria (também) definir a condição humana; em especial, a sua sobrevivência como espécie. A instauração da pandemia da COVID-19 em 2020, a deflagração da guerra na Ucrânia em 2022 e a recente onda de ameaças e de ataques às instituições escolares em Pernambuco encadeiam uma sequência de eventos, de repercussões e de incidências recíprocas que, mesmo não estando pretensamente articuladas, não deixam de apontar certa relação entre si. Tendo em vista o encadeamento sequencial dos acontecimentos apontados, buscou-se, mediante análise contextual de conteúdos midiáticos quanto a essas relações potenciais em suas respectivas implicações sobre a Educação como relevante campo epistêmico e reflexivo no que se refere à (auto)formação humana, sistematizar uma possibilidade de percepção e de interpretação que as consequências de conflitos humanos amplamente divulgados podem oferecer sob este viés; sobretudo ao apontar como seu resultado o estabelecimento de interfaces com a compreensão da Educação, e, assim, em virtude das elaborações e sistematizações que delas resultam/ podem resultar em função da implementação de processos de ensino e aprendizagem da cultura como uma consequência da condição humana que as permeia.

**Palavras-chave:** Condição humana; Educação; Conflitos humanos.

### Abstract

With the emergence of the SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic, mainly due to its advance on a global scale that started in 2020 and which has continued to this day, much has been discussed, discussed and defended regarding the constitution of a global identity aimed at the struggle for the survival of life/human species in the

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2009).

face of an invisible and overwhelming enemy. The humanitarian discourse/argument resounded in unison throughout the world, but not without competing with certain other thoughts, attitudes, decisions and actions that, over the course of our history, we have become accustomed to also recognizing as resulting from human beings; either because of its alleged superiority - rooted in the notion of rationality - compared to the other living beings that populate our planet (including viruses), or because of its materialized consequence in the emergence of our species as dominant on the planet. Apparently, despite all the reflections arising from the pandemic crisis in which we are all still immersed, the humanitarian discourse has been subsumed by the incessant quest for power via overpowering that has historically characterized us from the simplest social organizations, such as tribes, even the most complex, such as the great nations and economic and military superpowers, as Elias already warned us, by the way, in countless of his works. The incessant quest for power directed at dominating others, this "fever" or "hegemonic intoxication" defined and characterized by him, really seems to find no limits, even in the face of other pressing demands and, thus, also characteristics of everything that defines/should (also) define the human condition; in particular, their survival as a species. The onset of the COVID-19 pandemic in 2020, the outbreak of war in Ukraine in 2022 and the recent wave of threats and attacks on educational institutions in Pernambuco link a sequence of events, repercussions and reciprocal incidences that, even though they are not allegedly articulated, do not fail to point out a certain relationship between them. Bearing in mind the sequential chaining of the events mentioned, an attempt was made, through a contextual analysis of media content regarding these potential relationships and their respective implications on Education as a relevant epistemic and reflective field with regard to human (self)formation, to systematize a possibility of perception and interpretation that the consequences of widely publicized human conflicts can offer under this bias; especially when pointing out as its result the establishment of interfaces with the understanding of Education, and, thus, due to the elaborations and systematizations that result/may result from the implementation of teaching and learning processes of culture as a consequence of the human condition that permeates them.

**Keywords:** Human condition; Education; Human conflicts.

### **Resumen**

Con el surgimiento de la pandemia del SARS-CoV-2 (COVID-19), principalmente por su avance a escala mundial que inició en el 2020 y que continúa hasta el día de hoy, mucho se ha discutido, discursado y defendido en torno a la constitución de una identidad global dirigida a la lucha por la supervivencia de la vida/especie humana frente a un enemigo invisible y abrumador. El discurso/argumento humanitario resonó al unísono en todo el mundo, no sin competir con otros ciertos pensamientos, actitudes, decisiones y acciones que, a lo largo de nuestra historia, nos hemos acostumbrado a reconocer también como provenientes del ser humano; ya sea por su supuesta superioridad -enraizada en la noción de racionalidad- frente a los demás seres vivos que pueblan nuestro planeta (incluidos los virus), o por su consecuencia materializada en el surgimiento de nuestra especie como dominante en el planeta. Aparentemente, a pesar de todas las reflexiones surgidas de la crisis de la pandemia en la que todos seguimos inmersos, el discurso humanitario ha sido subsumido por la incesante búsqueda de poder vía avasallamiento que históricamente nos ha caracterizado desde las más simples organizaciones sociales, como las tribus, hasta las más complejas, como son las grandes naciones y las superpotencias económicas y militares, como ya nos advertía Elías, por cierto, en innumerables de sus obras. La búsqueda incesante de poder dirigida a dominar a los demás, esta "fiebre" o "intoxicación hegemónica" por él definida y caracterizada, parece realmente no tener límites, incluso frente a otras exigencias apremiantes y, por tanto, también características de todo lo que define /debería (también) definir la condición humana; en particular, su supervivencia como especie. El inicio de la pandemia de la COVID-19 en 2020, el estallido de la guerra en Ucrania en 2022 y la reciente ola de amenazas y ataques a instituciones educativas en Pernambuco vinculan una secuencia de hechos, repercusiones e incidencias recíprocas que, si bien no son supuestamente articulados, no dejan de señalar cierta relación entre ellos. Teniendo en cuenta el encadenamiento secuencial de los hechos señalados, se intentó, a través de un análisis contextual de los contenidos mediáticos en torno a estas relaciones potenciales y sus respectivas implicaciones sobre la Educación como campo epistémico y reflexivo relevante en relación con la (auto)formación humana, sistematizar una posibilidad de percepción e interpretación que las consecuencias de conflictos humanos ampliamente publicitados pueden ofrecer bajo este sesgo; especialmente al señalar como su resultado el establecimiento de interfaces con la comprensión de la Educación, y, así, por las elaboraciones y sistematizaciones que resultan/pueden resultar de la implementación de procesos de enseñanza y aprendizaje de la cultura como consecuencia de la condición humana que los impregna.

**Palabras clave:** Condición humana; Educación; Conflictos humanos.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 “Antebellum” (ou das circunstâncias dos conflitos):

Com o surgimento da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), sobretudo em virtude de seu avanço em escala mundial iniciado em 2020 e que se tem perpetuado até os dias de hoje, muito se discutiu, discursou e foi defendido a respeito da constituição de uma identidade mundial dirigida à luta pela sobrevivência da vida/espécie humana diante do enfrentamento de um inimigo invisível e avassalador. O discurso/argumento humanitário ressoou uníssono em todo o mundo, mas, não sem concorrer com determinados outros pensamentos, atitudes, decisões e ações que, no decorrer de nossa história, fomo-nos acostumando a também reconhecer como resultantes dos seres humanos; seja por sua pretensa superioridade - radicada na noção de racionalidade - frente aos demais seres vivos que povoam o nosso planeta (dentre os quais os vírus, inclusive), seja em sua consequência materializada na emergência de nossa espécie como dominante no planeta.

Em certa medida, o avanço desse discurso humanitário e das reflexões dele decorrentes, em especial no período anterior à produção e distribuição das vacinas, trouxe também um lampejo de esperança quanto à própria noção de humanidade e suas manifestações sobre a prática social nas mais diversas culturas; mesmo que em concomitância com acontecimentos e conflitos beligerantes tornados costumeiros, naturais ou, pelo menos, não surpreendentes por essa mesma prática social no decorrer de nossa história. Desse modo, ainda que em meio à luta pela preservação da vida humana na Terra e em virtude da verdadeira onda de reflexões, intervenções e até cobranças por um processo de crescente de humanização, os conflitos pelo poder e pela busca por uma hegemonia soberana não cessaram, quer em uma escala mais ampla (como guerras e ameaças de guerra tais a exemplo das ocorridas na Europa e na Ásia), quer em escala um pouco mais restrita (conflitos internos baseados em preconceitos sociais instituídos contextualmente como os que rotineiramente vivenciamos no Brasil, motivados, por exemplo, pela cor da pele, pelo gênero, pela região geográfica de origem e/ou pela condição social), ou ainda, na confluência dos dois aspectos anteriores (quando preconceitos contextuais resultam em consequências globais, como, por exemplo, a morte sequencial de cidadãos negros provocada pela intervenção de policiais brancos nos Estados Unidos e a emergência do movimento “*Black Lives Matter*”).

Ao que parece, não obstante todas as reflexões advindas da crise pandêmica em que todos ainda nos encontramos imersos, o discurso humanitário tem sido subsumido pela busca incessante por poder via sobrepujança que nos tem caracterizado historicamente desde as organizações sociais mais simples, como as tribos, até as mais complexas, como as grandes nações e superpotências econômicas e militares, como Elias já nos alertava, a propósito, em inúmeros de seus trabalhos. A busca incessante por poder dirigida ao domínio de outrem, essa “*febre*” ou “*embriaguez hegemônica*” por ele definida e caracterizada parece realmente não encontrar limites, mesmo diante de outras demandas prementes e, assim, também características a tudo aquilo que define/deveria (também) definir a condição humana; em especial, a sua sobrevivência como espécie.

Sobre a noção de racionalidade comumente atrelada ao conjunto de ações humanas que apontam de forma praticamente inevitável para uma direção determinada, suas consequências, implicações e os cuidados que requer quanto aos perigos que são inerentes a seu uso, Elias (1985) nos alerta:

Estamos atualmente ainda tão pouco conscientes da morosidade deste processo de desmitificação, deste desenvolvimento de um saber altamente ajustado à realidade no domínio da natureza não humana que, para muitos homens, a elevada adequação à realidade destes seus conhecimentos sobre a natureza parece-lhes ser, simplesmente, o resultado da sua razão natural ou, mais geralmente, da racionalidade humana universal. Por isso, mostram-se depois perfeitamente incapazes de explicar

porque é que os seres humanos, apesar de serem capazes de pensar, atuar “racionalmente” em relação ao processo da natureza exterior, não estão manifestamente habilitados para se comportarem com igual “racionalidade” em relação à sua própria vida social coletiva. Se se tratasse aqui, verdadeiramente, de uma questão de “racionalidade humana”, da “razão”, natural ou do “entendimento” universal, seria pura e simplesmente incompreensível porque é que os homens fazem uso da sua “razão” da sua “racionalidade”, apenas em relação à natureza, mas não, pelo menos não em igual medida, em relação à vida social coletiva (p.23).

Na madrugada do dia 24 de fevereiro de 2022 tivemos mais um exemplo de como essa dualidade relacional entre a luta pela vida (*Eros*) e a busca pela supremacia/dominação do outro (*Thanatos*), permeiam/podem permear nossa condição humana, tanto conjuntamente, quanto o fazem isoladamente cada um dos aspectos que a constituem. O avanço militar da Rússia sobre a Ucrânia, sistematicamente planejado há anos e prenunciado e negado peremptoriamente há meses, se deu a despeito e a reboque dos inúmeros indícios oferecidos pelo presidente da russo, Vladimir Putin e dos incontáveis alertas e pedidos de ajuda do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky; ou seja, aos olhos das Nações Unidas, das Nações Europeias e dos vinte e sete líderes nacionais aos quais Zelensky recorreu.

O argumento utilizado pelo presidente russo (é importante mencionar que relevante parcela do povo russo se opõe à invasão da Ucrânia) parte de uma pretensa declaração de guerra da Ucrânia ao se aproximar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), assim, fortalecendo-o e fortalecendo-se diante da Rússia como potência supranacional dos países próximos e não membros da entidade. Em tom quase profético, Elias já nos alertava de como essa cadeia de interpretações, posicionamentos e decisões norteadas pela busca ambiciosa e crescente pela hegemonia diante de ameaças potenciais constituem a essência da condição humana; bem como da atenção constante que, como condição, seus sinais relevantes nos exigiam como espécie a ser preservada ou aniquilada (seres humanos) e como povos (culturas e nações).

É difícil dizer em que medida, nesse contexto, a credulidade e/ou centralidade dessas organizações transnacionais no discurso humanitário da sobrevivência as possa ter impedido de enxergar e/ou de agir preventivamente, mas, tal como Elias (1985) já nos alertava em sua palestra comemorativa do quadragésimo aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial (01/09/1939 a 02/09/1945), o caráter mediador e pacifista dessas organizações é desafiado em sua capacidade e alcance ao pôr em lados opostos elementos já conhecidos da política e das relações internacionais; ambos com repercussões relevantes em escala global: a realização sistemática de sanções econômicas e o uso irascível de armamento nuclear.

Por outro lado, é igualmente válido refletir, ainda que de forma breve, a respeito das consequências dos debates e de sua extensão ao longo de todo o conflito, sobre os confrontos ocorridos no *front*. À medida que os acontecimentos ocorridos na Ucrânia invadida avançam em termos de violência e de brutalidade considerada extrema até mesmo para contextos de guerra (por exemplo, o desrespeito aos corredores humanitários e o assassinio de civis), como manifestação de desrespeito inclusive pelas negociações mantidas pelos dois governos diretamente envolvidos e pelas decisões tomadas pelas instituições supranacionais, os debates parecem não acompanhá-los, e, assim, não darem contas de suas repercussões sobre o povo que segue efetivamente morrendo (desde de 2014, quando da retomada da Crimeia pela Rússia, a propósito).

Isso significa dizer que o avanço acelerado da violência e desacelerado, em relação ao primeiro, dos debates sobre este, evidenciam uma face do patamar de (des)civilização em que hoje nos encontramos aponta para a ciclicidade dos mesmos, também já apontada por Elias em “*A Condição Humana*” (1985), inclusive e a despeito da experiência pandêmica mundialmente compartilhada sob a égide da sobrevivência da humanidade (novamente posta em risco, risco duplo, portanto, com as constantes ameaças de utilização de armamento nuclear constantes do contexto do

conflito entre Rússia e Ucrânia). Em “*Os Alemães*” (1997), ao analisar o processo constitutivo do “*habitus* alemão” à luz de sua própria história, em especial, com base nos conflitos armados que integram esta história, Elias faz referência às implicações identitárias decorrentes de tais acontecimentos, mencionando particularmente os aspectos atinentes à autoimagem delas decorrentes:

O fim de Hitler significou ainda uma outra ruptura no desenvolvimento da Alemanha. Duas pesadas derrotas certamente não ficam sem consequências. Isso mostra a resiliência dos alemães que emergiram desses choques como uma nação viável e capaz. Pode-se apenas esperar que seu futuro desenvolvimento seja menos flagelado por rupturas e descontinuidades do que foi até agora. Só se pode desejar para a Alemanha um padrão mais linear e contínuo de desenvolvimento no futuro. [...] Mas enfrentar psicologicamente o que aconteceu não é fácil para muitos alemães. Gerações chegam e passam.

Têm de se debater repetidamente com o fato de que a imagem que os alemães possuem de si mesmos está manchada pela lembrança dos excessos perpetrados pelos nazistas, e que outros, e talvez até suas próprias consciências, os culpem e os condenem pelo que Hitler e seus seguidores fizeram. [...] Os destinos de uma nação cristalizam-se em instituições que têm a responsabilidade de assegurar que as pessoas mais diferentes de uma sociedade adquiram as mesmas características, possuam o mesmo *habitus* nacional. A língua comum é um exemplo imediato. Mas, há muitos outros (Elias, 1997, p.27-29).

Diante disso, uma outra questão que emerge como relevante e necessária à discussão nesse sentido refere-se ao posicionamento identitário do povo ucraniano frente a iminência da morte então materializada na inegável desvantagem ante as forças russas, fazendo com que os repetidos confrontos entre militares e civis redundem em repetidas mortes que, tanto de um lado quanto de outro, se anunciam com uma inevitabilidade tão questionável (do ponto de vista dos debates parlamentares realizados pelas instâncias e entidades supranacionais), quanto constatável (pela extensa cobertura midiática sobre o cotidiano beligerante de ucranianos e russos, civis e militares). Isso repercute, também e fortemente, nas intervenções próprias dessas instituições, em seu envolvimento e na forma mesma com que esse envolvimento se materializa como resultado de uma avaliação/julgamento promovido por instituições superiores e supranacionais quanto às atitudes, às ações e os posicionamentos delas derivados quanto às suas consequências potenciais (refiro-me, aqui, em especial, tanto aos apoios oferecidos à Ucrânia e Rússia, quanto às formas pelas quais esses apoios ocorreram – apoios de ordem político-estratégica, como no caso da Bielorrússia; apoios de ordem logístico-militar, como a oferta de armamento por parte da OTAN à resistência ucraniana, por exemplos – e em que medida implicaram em mortes de civis – como as trezentas vítimas em Bucha).

## **2. Dos discursos e posicionamentos acerca da guerra: Guerra na Ucrânia ou “A Guerra de Putin”?**

A cobertura massiva da mídia dos confrontos ocorridos na Ucrânia, sobretudo quando do início do conflito, expôs a concretude dos alertas e dos temores feitos por Norbert Elias naquela longínqua fala em 1985. Nos revelou a todos a veracidade de suas palavras, mas, fundamentalmente, a veracidade de nossos atos como espécie humana, que atravessa a nossa história independentemente do patamar civilizatório – em especial no que se refere às discussões sobre a paz, foco da palestra referente aos 40 anos decorridos da II guerra Mundial – em que estejamos e/ou que julgamos estar.

Hoje, passados dezoito meses do início dos conflitos armados, a rotinização dos informes parece ter “naturalizado” de certa forma a situação; o que novamente nos remete aos alertas de Elias; pois aquela cobertura massiva inicial passou a ser incorporada às demais outras notícias, tragédias e

mazelas que compõem a realidade social hodierna. Não obstante os alertas de Elias (1985) – para os quais chamo a atenção em sua perspectiva propedêutica, mesma perspectiva à qual aludo aqui a respeito do potencial pedagógico-formativo que a leitura mais aprofundada de nós mesmos e de nossa condição humana e da função social (a ser) cumprida pela Educação nesse sentido – e dos informes/relatório fornecidos diariamente pela imprensa, a guerra persiste. Por este motivo e radicado na rotinização do tema e no potencial educacional-preditivo deles decorrentes, optei por centralizar no discurso midiático como fonte primária para o reconhecimento e para o estabelecimento de alguns pontos iniciais para a realização de reflexões pedagógicas a partir das contribuições de Norbert Elias acerca das situações que, repito, com certa “naturalidade” hoje convivemos.

O foco discursivo da abordagem midiática acerca da chamada “Guerra de Putin” reside na contagem de mortos. Evidentemente, o cotejamento desses dados tende a realçar a dimensão mais chocante e inevitavelmente decorrente da instauração de uma guerra. As repercussões, tanto chocantes quanto rotinizadas, atinentes à recepção dessas informações, já experimentadas em escala global quando do auge da pandemia da COVID-19, revela ao mundo o drama vivido pelo povo ucraniano à mesma medida que, em uma escala mais ampla, revela também a diluição da centralidade de sua condição para demais outros povos do mundo; em especial diante da concorrência com demais outras tragédias humanas e naturais - a mobilização de saberes e esforços humanos para a compreensão e intervenção derivados das relações estabelecidas com a natureza e com outros seres humanos, com especial atenção para a primeira em detrimento da última são também apontados por Elias (1985 e 1997) e considerados como foco de atenção e reflexão educacional-pedagógica para os fins deste texto - que, pela proximidade, tornam-se mais presentemente contundentes.

A título de exemplo, cito a matéria disponibilizada pelo *Portal G1*, da Rede Globo, no dia 18/08/2023 intitulada: “*Guerra da Ucrânia alcança quase 220 mil mortos, de acordo com o ‘New York Times’*”<sup>2</sup>. Em seu conteúdo, a matéria categoria e disponibiliza os números de mortos, enfatizando a materialidade do principal alerta proposto por Elias em sua palestra: a repetição do ocorrido na II Guerra Mundial em termos de confrontos bélicos entre povos modulados por “versões revisitadas” da embriaguez hegemônica por ele sistematizada. As categorias elegidas e os dados respectivamente estimados/apresentados foram: (1) Mortos: (1.1) Rússia: 120 mil; (1.2) Ucrânia: 70 mil; (2) Feridos: (2.1) Rússia: entre 170 mil e 180 mil; (2.2) Ucrânia: entre 100 mil e 120 mil; e (3) Total de baixas (entre os dois países): aproximadamente 500 mil.

Desse modo, os dados alarmantes, o número altíssimo de vidas humanas perdidas e o potencial educacional em termos de formação humana deles derivados como consequência desta guerra reafirmam a relevância e a pertinência do discurso midiático como principal fonte para a formalização de seu enfoque como objeto de aprendizagem sob uma perspectiva propriamente educacional-pedagógica, dirigida e em contribuição à formação social humana, confirmando, mais uma vez, a atualidade e a premência dos alertas frequentemente retomados por Norbert Elias ao longo de toda a sua obra.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 “*Parabellum*” (ou ponderações a respeito dos conflitos e ameaças armadas: da noção de humanidade em relação à Educação em Elias)

As recentes intercorrências de caráter beligerante que, no momento pós-pandêmico que hoje vivemos, como um momento de recuperação social dado o alcance das consequências incalculáveis provocadas pela COVID-19, muito rapidamente foi subsumido pela retomada das querelas entre povos e nações, motivadas, como sempre, pelos mais diversos expedientes, mas, aparentemente, sob

<sup>2</sup> <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/08/18/guerra-da-ucrania-alcanca-quase-200-mil-mortos-de-acordo-com-o-new-york-times.ghtml> (Acesso em: 21/08/2023).

os auspícios de um gradiente de polarização mais elevado que, por sua vez, resultou de uma profunda radicalidade quanto aos humores, valores, quereres e/por poderes que, já em 1985, Norbert Elias (1985) nos apontava e mesmo nos apresentava como elementos constantes da humana conditio. Em seu discurso em celebração à passagem de 40 anos sem que houvesse um novo grande conflito global escalarmente comparável à Segunda Guerra Mundial, Elias (1985) nos alertava para a consideração - em caráter de reflexão - da beligerância como uma espécie de traço historicamente forjado e incorporado à natureza humana de forma a caracterizá-la como tal, então materializada no simples fato de comemorar um breve período de paz geograficamente situada, sem, entretanto, deixar de antever, com certa "naturalidade" (como ausência de estranheza) a possibilidade de deflagração de um novo conflito em escala global - com perspectiva de potencial destrutivo superior decorrente dos avanços científicos e tecnológicos alcançados no decorrer dos mesmos 40 anos ora celebrados de suposta paz - a qualquer momento.

A dinâmica da constelação que, num dado momento, lança as potências militares mais poderosas de um grupo de Estados umas contra as outras e que promete ao vencedor dessa "eliminatória" uma posição hegemónica nesse grupo de Estados não é hoje menor, e a febre hegemónica, a ideia embriagante da que o próprio povo possa vir a ser o amis forte, o mais rico e prestigiado de todos os desse grupo de Estados não é, para os dois candidatos à hegemonia na fase de desenvolvimento atual, manifestamente menos cativante do que o foi em "eliminatórias" análogas, em fases anteriores do desenvolvimento da humanidade. [...] É bonito que a exigência de respeito pelos direitos humanos elementares encontre hoje mais audiência. Tal significa um fortalecimento da consciência humana, da simpatia e da compaixão dos homens uns para com os outros, que na Alemanha sob o domínio nazi desapareceu temporariamente por completo (Elias, 1985, p.87-91).

Suas ponderações acerca da iminência da instauração de novos regimes destrutivos então associados à naturalização das guerras, dos assassinatos bem como de demais outras formas de violência infligidas entre seres humanos, como um aspecto relativamente cíclico de nossa história, vem à tona sob outros contornos, contornos pós-pandêmicos de lições não aprendidas, que são trazidos à lume quanto às relações estabelecidas com o conhecimento, com a tecnologia e com as emoções humanas em determinadas situações vividas individual e coletivamente durante o período pandêmico, mas, ainda frequentemente revividos desde então sob os mais variados matizes, como, por exemplo, os preconceitos sociais, raciais e culturais. Nesse sentido, para fins de análise a partir de uma perspectiva radicada aprioristicamente na Educação, dois acontecimentos foram aqui abordados e submetidos a ponderações e reflexões: (1) a Guerra na Ucrânia (de caráter global e com duração mais extensa e contínua); e (2) as ameaças dirigidas às instituições escolares em Pernambuco (de caráter restrito e com duração mais curta e descontínua).

Neste sentido, e, utilizando a (1) a pandemia da COVID-19 como parâmetro factual matricialmente caracterizado pela luta global pela sobrevivência<sup>3</sup>; (2) as perspectivas dela advindas

---

<sup>3</sup> No documentário estadunidense "*In the Same Breath: verdades e mentiras da Pandemia*" (2021), dirigido por Nanfu Wang, ficam evidentes os efeitos provocados por um evento de escala global que capaz de nos afetar a todos diferentemente em termos de tempo, de estrutura econômico-social e/ou científica, em função, por exemplo, da noção de emergência decorrente destas circunstâncias. Ainda a título de exemplo, é mencionado no documentário o descaso com que a divulgação dos dados contidos no documentário referentes à situação da província de Wuhan quando de seu encaminhamento para a imprensa do ocidente; fato denunciado por Norbert Elias em "*A Condição Humana*" (1985), que sob os auspícios de uma perspectiva educacional quanto à noção de formação social de seu aporte aqui considerados, assume relevância particular:

Surge, assim, no centro de nosso campo de visão, uma tarefa que talvez não seja totalmente irrealizável e sobre a qual, em todo o caso, se pode trabalhar: a redução da desconfiança. Se

quanto ao pós-pandemia como uma materialização desta sobrevivência - e dos patamares de civilidade pretensamente alcançados, ou, pelo menos, refletidos em virtude dos acontecimentos dela decorrentes - sob os auspícios de um "novo normal"; e (3) o discurso midiático acerca dos acontecimentos aqui elencados (quais sejam: (3.1) a Guerra na Ucrânia e (3.2) as ameaças dirigidas às instituições escolares pernambucanas) como parâmetro factual final, busquei tecer algumas ponderações acerca das interconexões existentes, à luz dos pressupostos apontados por Norbert Elias, principalmente em "*A Condição Humana*" (1985), no sentido e com o objetivo de vislumbrar algumas possibilidades de sua apropriação sob um viés epistêmico precipuamente radicado na Educação. Ratificando a essência do argumento central deste texto quanto à relevância de um olhar (pedagógico e projetivo) fincado na Educação sobre os fenômenos que se nos avizinham, Elias (1985, p.53), afirma que

A participação do indivíduo no destino e na reputação do respectivo grupo, é (...) um facto. Faz parte do destino dos homens, é um aspecto da *humana conditio*. Nada parte mais perigoso do que o pendor de evitar uma tal realidade pelo encobrimento ou pelo recalçamento. Só olhando-a de frente, com toda a coragem e determinação, podemos colocar-nos a questão: o que fazer em tal situação? E esta é, de facto, a questão decisiva (grifo meu).

O discurso midiático tornou-se, assim, a principal manifestação objetiva a partir da qual, para as finalidades deste texto, tornou-se possível o vislumbre das aproximações e das apropriações potenciais capazes de oferecer algumas perspectivas de reconhecimento dos efeitos/sintomas da febre/embriaguez hegemônica (*furor hegemonialis*) relacionados circunstancialmente, em termos de antecedente-consequente, com a pandemia da COVID-19 (no que significou e no que poderia ter significado para a humanidade), conforme parâmetros estabelecidos para a elaboração deste texto com vistas, mais uma vez, a suscitar reflexões que apontem para sua interpretação sob um prisma propriamente educacional. O viés pedagógico resulta, portanto, das ilações possíveis e decorrentes deste breve recorte no que se refere ao estabelecimento de conexões voltadas para a Área da Educação especificamente a respeito do reconhecimento da embriaguez hegemônica como conceito/objeto de conhecimento passível de pedagogização à luz das prerrogativas de um "novo normal" que se nos apresenta, inclusive e sobretudo, para além do recorte factual ora considerado, conforme dito, unicamente para fins de reflexão, de ponderação e de problematização (em Educação então compreendida como formação social) como aspectos motivadores e norteadores da elaboração deste texto.<sup>4</sup>

---

se quiser evitar a supremacia de um só povo, ou seja, a coação vinda do exterior, será necessário colar exigências maiores a si mesmo, à própria capacidade tolerância. A diminuição da desconfiança entre os Estados não é realizável de hoje para amanhã. Ela exige o esforço conjunto e paciente de muitos homens, que lutem nos seus países para que cresça a disponibilidade para resolver os conflitos entre os Estados, seja por meio de compromissos não violentos, seja por via da arbitragem exercida por órgãos supra-estatais. A diminuição multilateral e não apenas unilateral das hostilidades absolutas entre grupos humanos é, sem dúvida, uma das tarefas que a guerra que nos ameaça coloca aos homens ainda vivos (Elias, 1985, p.101, grifos meus).

<sup>4</sup>O documentário estadunidense "*Vladimir Putin*" (2017), dirigido por Rudy Bednar, faz uma retrospectiva bastante interessante da trajetória do atual presidente russo no sentido de elucidar algumas questões acerca dos processos pelos quais se deu sua ascensão ao poder (origem do documentário justifica, inclusive temporalmente, o enfoque atribuído à consolidação Putin como uma ameaça específica aos Estados Unidos da América). Chama a atenção, também, pela semelhança de alguns aspectos levantados por Elias em "*A Condição Humana*" (1985) e em "*Os Alemães*" (?) quanto à trajetória traçada por Adolf Hitler e demais outros líderes nacionais, que nos sugere, de pronto, uma necessidade cada vez mais premente de, sob a perspectiva educacional aqui aludida, revisitar essas questões com o intuito de manter



A consideração destes aspectos como marcos referenciais e/ou ferramentas metodológicas para a delimitação das bases teóricas a partir das quais busquei relacionar os fatos citados ao momento pós-pandêmico ainda vigente e, assim, a uma marcada apropriação/aproximação frente ao referencial eliasiano me permitiu, então, vislumbrar algumas possibilidades de reflexão radicadas na Educação que, sob o viés da formação social assumem/podem assumir contornos determinados quanto à leitura da realidade, em termos de maior ou menor congruência (Elias, 1994), por exemplo, e, assim, repito, para fins de reflexão, apontar para horizontes instigantes do ponto de vista educacional-pedagógico<sup>5</sup>. Tal perspectiva enseja, sob tais termos, uma tentativa de compreensão das repercussões dos fatos ora considerados, em suas idiosincrasias, interconexões, implicações e consequências, sobre as relações estabelecidas pelos seres humanos entre si a partir de aspectos observáveis, isolados ou não, e em termos até incipientes, tais como: permanências e impermanências quanto a patamares socialmente estabelecidos de tolerância, no sentido de ponderar, do ponto de vista da Educação, aspectos relevantes nos quais se possa/deva intervir (considerando, inclusive, a perspectiva de refletir também e/ou prioritariamente nos critérios que sustentam esses patamares)<sup>6</sup>. Desse modo, é no reconhecimento dessas pretensas articulações factuais a partir do(s) regime(s) de enunciação que lhes foi/foram conferido(s) que reside o cerne da abordagem sobretudo problematizadora dos elementos que foram aqui levantados.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

##### 4.1 das ameaças às instituições escolares pelas redes sociais em Pernambuco/Brasil

Com referências a um ataque violento ocorrido em Columbine, nos Estados Unidos, no dia 20 de abril de 1999, durante todo o mês de abril de 2023, instituições escolares em todo o Brasil foram ameaçadas de invasão e de práticas violentas não apenas similares, mas, em homenagem ao “Massacre de Columbine”, no qual doze alunos e um professor foram mortos e vinte e quatro pessoas ficaram feridas; que, por sua vez, cogitou-se estar associado à uma espécie de “celebração” do

---

ativado o alerta ao reconhecimento de circunstâncias imanentes à humana conditio, conforme ele próprio já chamava atenção:

Em íntima ligação com a embriaguez hegemônica, que numa situação determinada, se pode propagar a vastas camadas de um povo encontram-se, normalmente, fantasias coletivas, segundo as quais o povo a que se pertence e, assim, o próprio indivíduo estão destinados à grandeza – o que significa, habitualmente, à dominação de todos os outros povos à sua volta -, seja por ordem divina, seja pela história ou pela natureza (Elias, 1985, p.45).

<sup>5</sup> “Quando investigadores humanos conseguem moderar o seu envolvimento e ajustar as suas questões às realidades do seu mundo, descobre-se um processo articulado sem começo indo, por exemplo, de grupos ancestrais com formas de comunicação pré-verbais dominantes até a emergência de antepassados com uma comunicação verbal predominante sem existir qualquer ruptura absoluta. No atual estágio de reconhecimento, há muitos detalhes que nos escapam, mas é razoavelmente seguro admitir quem, neste caso, como em tantos outros, um processo evolutivo com muitos passos intermédios atingiu, com o decurso do tempo, uma condição de funcionalidade ótima” (Elias, 1994, p.24).

<sup>6</sup> A título de exemplo, como materialização fática do que busco evidenciar como ponto de reflexão educacional-pedagógica, na edição do dia 21/08/2023 do telejornal “Bom Dia Pernambuco”, exibido pela Rede Globo, foi noticiada uma agressão sofrida por uma profissional da educação, ocorrida no município de Petrolina-PE, infligida pelos pais de um de seus alunos para quem ela solicitava que conversassem com o filho a respeito do comportamento violento deste com as demais crianças e com ela mesma. Verifica-se aí, de imediato, um conflito referente às ponderações aqui suscitadas, entre a educação familiar e a Educação Formal, potencialmente entrelaçado por relações presumidas de poder (de ordem institucional-financeira e de uso da força física) mobilizadas por leituras equivocadas da realidade (ou incongruentes com a realidade do contexto educacional-pedagógico ao qual se refere); por interpretações particulares que de forma alguma são incomuns e muito menos distantes dos aspectos apontados por Elias (1985) como constituintes da *humana conditio*: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/bom-dia-pe/video/bom-dia-pe-segunda-feira-21082023-integra-11880933.ghtml> (Acesso em: 21/08/2023).

aniversário de Adolf Hitler (1889-1945)<sup>7</sup> e boatos nesse sentido também passaram a circular pelas redes sociais. As ameaças ocorridas no Brasil foram materializadas por ataques (sem aviso/ameaça) a escolas. Ataques de estudantes dirigidos a outros estudantes e professores, mas, também, perpetrados por personagens externos às instituições atacadas.

Em Pernambuco, evidenciou-se, em grande volume e proporção, um conjunto de mensagens de texto e de áudio, com imagens e vídeos, correlacionando os aspectos e apontando novos ataques. Algumas dessas postagens apontavam as unidades escolares que seriam atacadas no dia 20 de abril. Considerando as consequências da pandemia da COVID-19, a perpetuação da Guerra na Ucrânia, bem como demais outros eventos de natureza violenta que têm-se multiplicado no “pós-pandemia” que se nos apresenta sob a denominação de um “novo normal”, tais acontecimentos e ameaças soaram aterradores aos estudantes e seus familiares, aos professores e demais funcionários das escolas, atingindo, assim, o cerne das comunidades e culturas escolares que conformam a escola como instituição social: a segurança (em termos de integridade física) quanto à materialização da Educação como processo de transmissão da cultura a partir da construção coletiva de saberes.

As consequências da divulgação dessas ameaças pelas redes sociais que, como representação da tecnologia que se mostrou como nossa principal aliada no período mais crítico da pandemia, literalmente, invadiu as casas das pessoas, fazendo com que, novamente, se sentissem inseguras e impotentes a respeito do autocuidado e da autopreservação como pressupostos fundantes e absolutamente necessários à retomada que até hoje todos buscamos alcançar minimamente. Ainda sobre isso, a abordagem inicial por parte dos meios de comunicação de massa, e que, depois, foi abandonada sob os auspícios da não promoção/valorização de seus perpetradores, diferentemente do que aconteceu com as circunstâncias da pandemia e do conflito armado na Ucrânia, (re)instaurou um novo momento de receio coletivo. Este novo momento caracterizou-se pelo acúmulo das impressões, medos e traumas dos dois anteriores – ainda em andamento, é importante que se diga – sem a proporcional abordagem midiática; de maneira a potencializar o gradiente de interpretação e de tomada (individual) de decisão em virtude de sua veiculação.

A análise das implicações, das repercussões e dos potenciais entrelaçamentos destes acontecimentos sob um viés propriamente radicado na Educação (como aspecto fundante do processo civilizador) encontram na vasta obra eliasiana elementos importantes para a sua compreensão e problematização sob esses termos (Elias, 1994; Brandão, 2003<sup>8</sup> e Leão, 2007<sup>9</sup>); termos que foram aqui desenvolvidos, muito mais como possibilidade de interpretação e como perspectiva de reflexão do que como constatação(ões) definitiva(s) sobre a condição humana em sua constante busca interindividual pelo domínio de outrem através da febre/embriaguez hegemônica que a dinamiza (Elias, 1985 e 1997):

As normas sociais são frequentemente discutidas de um modo que sugere que as de uma mesma sociedade são todas uniformes e consistentes. Os fatos, como se pode ver, são diferentes. Em sociedades acima de um certo nível de diferenciação, códigos de normas inerentemente contraditórios podem coexistir em graus variáveis de amalgamação e separação. Cada um pode ser ativado em diferentes situações e em diferentes épocas. Assuntos particulares podem pôr em ação um código moral, eventos públicos, um código nacionalista; em tempos de paz, pode predominar o primeiro, em tempos de guerra, o segundo. [...] Não obstante o próprio fato de existirem contradições desse tipo é significativo não só para o entendimento dessas sociedades, mas também para o da sociedade como tal. Não se pode deixar de levar em conta em qualquer teoria da sociedade o fato de que, nos estágios passados e presentes do desenvolvimento social, a sobrevivência de um grupo de indivíduos

<sup>7</sup> Nascido em 20 de abril de 1889 e falecido em 30 de abril de 1945.

<sup>8</sup> Relação entre Educação e o controle das emoções.

<sup>9</sup> Civilização como o resultado de um processo de construção simbólica do qual a Educação faz parte.

como tal era e é considerada de um valor superior ao da sobrevivência desses indivíduos considerados singularmente (Elias, 1997, p.149-151).

Os homens, na sua inevitável cegueira, só raramente encontraram, até hoje, outro meio para levar a paz a grandes regiões que não fosse o do conflito bélico. Esta longa tradição chegou até aos nossos dias. Instituições como o exército permanente e todo um complexo tradicional de meios de orientação que impelem constantemente para conflitos bélicos entre os Estados são disso o indício (Elias, 1985, p.99).

## 5. CONCLUSÃO

As discussões aqui entabuladas acerca das possibilidades educacionais-pedagógicas da leitura das contribuições de Norbert Elias acerca da condição humana e, a partir de seu reconhecimento, da embriaguez hegemônica como aspectos pedagogizáveis foram aqui tematizadas como reflexões dirigidas à abordagem sistemática de seu teor, seja do ponto de vista contéudico, seja do ponto de vistas metodológico, quando do ensino dos saberes específicos atinentes, por exemplo a cada Componente Curricular da Educação Básica. Essas reflexões, desse modo, requerem a consideração de processos igualmente específicos e intrínsecos à mobilização de saberes e, assim, à adequada transposição didática no que se refere à compreensão da Educação Formal como parte importante da formação humana, de acordo com o que Elias nos aponta, em verdade, ao longo de toda a sua obra, ainda que não se dirija propriamente à Educação.

Para além dos referenciais aqui estabelecidos e esmiuçados a partir da problematização norteadora, comportamentos hostis de diferentes ordens, mas, com direcionamentos convergentemente belicosos puderam ser visualizados, reconhecidos e testemunhados quando do (pós-)pandemia, que parece ter funcionado muito mais como uma caixa de ressonância para a febre hegemônica do que como um momento global de reflexão sobre a (nossa) humanidade. Situações de violência gratuita (dirigida, por exemplo, para mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência e animais), de tentativas de legitimação de preconceitos como o racismo estrutural, intolerância religiosa, xenofobia e homofobia grassaram de forma reiterada e cotidiana, chegando mesmo a caracterizar o último pleito presidencial (sem desconsiderar, ainda, o retorno da ameaça nuclear com a guerra na Ucrânia, destacado reiteradamente por Elias em sua palestra, em 8 de maio de 1985); situações e comportamentos não só passíveis, mas, também, carentes de reflexão quanto à sua pertinência e relevância educacionais-pedagógicas rumo à “diminuição multilateral da desconfiança” e rumo ao “crescimento da disponibilidade para resolver conflitos” de uma forma não violenta (Elias, 1985).

Com isso, o regime de reflexões ora proposto refere-se a um movimento de apropriação das elaborações/contribuições eliasianas em virtude da(s) epistemologia(s) próprias à Área da Educação, aos saberes dos quais trata, à função social que desenvolve e das especificidades teórico-metodológicas, por exemplo, de cada componente curricular; dos saberes que mobiliza e dos quais trata frente às suas respectivas relevâncias e contribuições para a formação humana materializadas em função do respeito à prerrogativa da identidade epistemológica e da autonomia docente. Em outras palavras, buscou-se neste texto enfatizar a relevância dessas reflexões como possibilidade de potencializar os aspectos educacionais das instituições formais de ensino a partir das contribuições eliasianas e em virtude de sua articulação aos saberes nelas ensinados, dos regimes teórico-metodológicos de sua produção e disseminação que lhes são particulares e do compromisso para com a abordagem da relação entre estes aspectos e fatos sociais como os aqui tematizados, como resultados do conjunto de questões e condições que assim constituem/podem/devem constituir a condição humana como objeto de ensino e aprendizagem:

Muita água correrá sobre as pontes antes que essa palavra se traduza em atos. Todavia, talvez não seja inútil continuar a ter em vista este mesmo objetivo, como algo em direção ao qual se trabalhe com muita paciência e cautela, mesmo que ele não seja realizável durante o tempo de uma vida. Muitos homens cometem, a este respeito, um erro. Fundamentalmente, eles só se sentem capazes de se responsabilizar por objetivos a curto prazo. Só se interessam por aquilo que creem que se possa realizar amanhã, depois de amanhã ou, em todo o caso, durante o tempo da sua própria vida. “Depois de nós, o dilúvio”, é o que eles dizem; “o que acontecer depois da minha morte não me diz respeito”. Porém, é precisamente disso que se trata: trabalhar pela paz entre os homens é uma tarefa a longo prazo (Elias, 1985, p.102, grifo meu).

## REFERÊNCIAS

- Américo, S. (2023). Guerra na Ucrânia: relembre as fases do conflito que completa 500 dias neste sábado. <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/guerra-na-ucrania-relembre-as-fases-do-conflito-que-completa-500-dias-neste-sabado.html>.
- Brandão, C. da F. (2003). Norbert elias: formação, educação e emoções no processo de civilização. Petrópolis: Editora Vozes.
- Diario de Pernambuco. (2023). Boatos sobre ataques a escolas em Pernambuco assustam pais e mães, e SDS emite nota oficial. <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2023/04/boatos-sobre-ataques-a-escolas-em-pernambuco-assustam-pais-e-maes-e-s.html>.
- Dielú, N. (2022). Ameaças a alunos de escola estadual no Recife deixam pais e estudantes assustados; polícia investiga o caso. <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/05/03/ameacas-a-alunos-de-escola-estadual-no-recife-deixam-pais-e-estudantes-assustados-policia-investiga-o-caso.ghtml>.
- Elias, N. (1994). Teoria simbólica. Trad. Paulo Valverde. Oeiras: Celta Editora.
- Elias, N. (1997). Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (1985). A condição humana: considerações sobre a evolução da humanidade, por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1985). Trad. Manuel Loureiro. Lisboa: DIFEL Editorial.
- Freire, B. (2023). Ameaças nas escolas: Confira as medidas de segurança reveladas pelo Governo de Pernambuco. <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2023/04/15439288-ameacas-nas-escolas-confira-as-medidas-de-seguranca-reveladas-pelo-governo-de-pernambuco.html>
- Leão, A. B. (2007). Norbert Elias & a educação. Belo Horizonte: Autêntica.
- Metro World News. (2023). Ameaça de ataques em escolas de Pernambuco deixa professores e alunos com medo. <https://www.metroworldnews.com.br/foco/2023/04/11/ameaca-de-ataques-em-escolas-de-pernambuco-deixa-professores-e-alunos-com-medo/>.

Moura. A. (2023). Medo toma conta de escolas em Pernambuco; unidades do Recife, Arcoverde e Palmares sofreram ameaças. <https://www.folhape.com.br/noticias/medo-toma-conta-de-varias-escolas-em-pernambuco-nesta-segunda-feira/265663/>.

Moura. A. (2023). Polícias Civil e Militar investigam ameaças de ataques a escolas em Pernambuco. <https://www.folhape.com.br/noticias/policias-civil-e-militar-investigam-ameacas-de-ataques-a-escolas-em/265644/>.